

Capítulo 2

Nova emigração portuguesa **Perfis, integração e expectativas**

João Peixoto, Isabel Tiago de Oliveira, Joana Azevedo, José Carlos Marques, Pedro Góis, Jorge Malheiros, Paulo Miguel Madeira, Pedro Candeias, Bárbara Ferreira, Aline Schiltz, Alexandra Ferro, Eugénio Santana

Resumo Este texto apresenta os principais resultados de um projeto de investigação, intitulado *Retorno ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa* (REMIGR), financiado pela FCT, que decorreu entre 2013 e 2015. O principal objetivo do projeto foi compreender a dimensão e características dos novos movimentos de emigração portuguesa, destacando, em especial, as relações que os novos emigrantes mantêm com o país de origem. Baseado numa estratégia metodológica mista, o estudo incluiu a recolha de estatísticas nacionais e internacionais, inquérito por questionário *online* e em papel, complementado por um conjunto de entrevistas a especialistas e representantes institucionais. Os países de destino escolhidos foram Reino Unido, França e Luxemburgo, na União Europeia, e Angola, Moçambique e Brasil, fora da Europa.

Palavras-chave: Emigração, integração, transnacionalismo, retorno, Portugal.

Abstract This text presents the main results of a research project entitled *Back to the future: the new emigration and the relationship with Portuguese society* (REMIGR), funded by FCT, which took place between 2013 and 2015. The main objective of the project was to understand the dimension and characteristics of the new movements of Portuguese emigration, highlighting, in particular, the relations that the new emigrants maintain with the country of origin. Based on a mixed method strategy, the study included the collection of national and international statistics, an online and paper survey, complemented by a set of interviews with experts and institutional representatives. The destination countries chosen were United Kingdom, France and Luxembourg, in the European Union, and Angola, Mozambique and Brazil, outside Europe.

Keywords: Emigration, integration, transnationalism, return, Portugal.

Objectivos

Este texto apresenta os principais resultados de um projeto de investigação, intitulado *Regresso ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa* (REMIGR), que decorreu entre 2013 e 2015. O projeto envolveu várias instituições universitárias portuguesas: SOCIUS/CSG, ISEG, Universidade de Lisboa; CEG, IGOT, Universidade de Lisboa; CES, Universidade de Coimbra; e CIES, ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa. O financiamento coube à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) (PTDC/ATP-DEM/5152/2012). Os resultados têm vindo a ser apresentados em várias publicações, com relevo para um livro, editado pela Gradiva, de onde alguns excertos foram agora retirados (Peixoto *et al.*, 2016).

O principal objetivo do projeto foi compreender a dimensão e características dos novos movimentos de emigração portuguesa, destacando, em especial, as relações que os novos emigrantes mantêm com o país de origem. Para melhor operacionalizar a pesquisa, foram adotadas algumas restrições. Ao nível empírico, apenas foram considerados os fluxos que ocorreram após a viragem do século. Foi feita uma pesquisa exaustiva dos principais dados estatísticos disponíveis, complementada por um estudo aprofundado de alguns dos países que se destacaram como receptores nos últimos anos. Os destinos escolhidos foram Reino Unido, França e Luxemburgo, na União Europeia, e Angola, Moçambique e Brasil, fora da Europa.

A conjugação destes países foi considerada necessária para refletir a dinâmica da emigração contemporânea. Eles foram escolhidos de forma a combinar a mobilidade no interior da União Europeia, uma forma de migração que hoje predomina e provavelmente irá permanecer, com a mobilidade para economias menos desenvolvidas ou emergentes, neste caso parte do sistema de migração lusófono mais amplo (Baganha, 2009; Marques & Góis, 2011, 2013). Para além disso, estes países estiveram entre os que registaram os maiores aumentos de entradas de portugueses na última década (Pires *et al.*, 2016).¹

O projeto procurou avaliar: a dinâmica e volume das saídas durante o novo século para diferentes países; as características sociodemográficas dos emigrantes; as suas principais motivações (fatores atrativos e repulsivos,

1 Quanto aos seis estudos de caso nacionais, eram apenas quatro no início do projeto: Reino Unido, França, Angola e Brasil. Duas razões explicaram o alargamento para seis. Por um lado, foi tomada a decisão de observar de forma mais aprofundada fluxos de trabalhadores pouco ou medianamente qualificados direcionados para a União Europeia. O Luxemburgo foi assim escolhido como um quinto estudo de caso, uma vez que os fluxos nessa direção ainda seguem moldes tradicionais. Por outro lado, surgiu uma oportunidade concreta que permitiu juntar Moçambique como um sexto estudo de caso, criando a ocasião para reunir os três países de destino de língua portuguesa com emigração portuguesa mais recente.

fatores do lado da procura e da oferta, fatores individuais e familiares); o papel dos fatores de curto e de longo prazo (impacto da crise económica de 2008 e do resgate financeiro de 2011 e problemas estruturais, de longa duração, da sociedade portuguesa); estratégias de emigração (emigração de curto ou longo prazo, emigração individual ou familiar); natureza dos contatos com Portugal (retorno, viagens ao país de origem, contatos familiares, dupla residência, dupla atividade, remessas, investimentos); e planos futuros (retorno, transnacionalismo ou integração total no destino). A duração dos fluxos (movimentos temporários ou permanentes), bem como os laços estabelecidos com Portugal, podem ajudar a esclarecer se os novos emigrantes são extensões temporárias do país para fora das suas fronteiras ou marcas de uma profunda mudança social.

Os emigrantes foram estudados na sua globalidade, incluindo os vários níveis de qualificação. Foram levados em conta, em particular, dois grandes grupos: os profissionais altamente qualificados (titulares de um diploma de nível superior) e os trabalhadores pouco qualificados. Estes dois grupos de emigrantes foram escolhidos por representarem formas exemplares das saídas recentes. Os emigrantes altamente qualificados, muitos deles jovens, são uma forma emergente e preocupante de mobilidade, resultante do aumento generalizado da escolarização da população portuguesa e da falta de emprego compatível com as suas expectativas, o que resulta numa das maiores taxas de desemprego dos jovens qualificados na Europa. Os dados comparativos recolhidos pela OCDE confirmam que Portugal tem uma das maiores taxas de *brain drain* na Europa: em 2010-2011, a média da taxa de emigração de altamente qualificados nos países europeus membros desta organização era de 5,3%, sendo o valor em Portugal de 12,9% (OCDE-DIOC, 2010/11).² Os trabalhadores pouco qualificados, por seu lado, são um traço persistente e estrutural da mobilidade portuguesa há muitos anos.

O projeto apresentou, assim, um propósito duplo. Por um lado, visou analisar as tendências da atual emigração portuguesa, para conhecer o seu volume, características principais e fatores causais. Tendo em conta as dificuldades metodológicas que existem para medir e comparar a migração internacional, algumas variáveis foram examinadas com mais pormenor: o volume das saídas recentes; as características individuais dos emigrantes (incluindo variáveis sociodemográficas, como sexo, idade, educação e profissão); as modalidades de saída (particularmente emigração de curto, médio e

2 Este é um fenómeno que tem vindo a evoluir no tempo, uma vez que para o decénio anterior, com dados de 2000-2001, Portugal era classificado como um país de reduzido *brain drain* (abaixo de 10%). Dados apurados pela equipa do projeto para os países de destino membros da UE (Malheiros, Oliveira & Albrecht, 2015) mostram a diversidade dos destinos deste *brain drain*, muito mais representado nos países escandinavos e nos países do sul da Europa e com peso reduzido nos países da Europa central e ocidental.

longo prazo, bem como a importância do retorno); os principais países de destino; os principais motivos de partida; os impactos demográficos da emigração.

Por outro lado, o projeto teve como objetivo discutir uma questão teórica específica: as relações dos emigrantes com Portugal. O objetivo foi tentar reconhecer as modalidades e a intensidade dos contatos realizados com o país de origem, principalmente no plano demográfico e social (circulação, dupla residência, famílias divididas, retorno) e no nível económico (remessas, investimentos, dupla atividade, comércio étnico).

A realização de uma pesquisa envolvendo, por um lado, uma população tão dispersa geograficamente e, por outro lado, a observação aprofundada de seis países situados em três continentes, só foi possível recorrendo a numerosos apoios. Estes envolveram parceiros locais, institucionais e individuais, nos países escolhidos como estudos de caso, para realização da pesquisa; colaborações diversas, em Portugal e no estrangeiro, para a difusão do inquérito, realização de entrevistas e cedência de informação; e interação com várias redes académicas, incluindo equipas envolvidas em outros projetos de investigação sobre emigração e especialistas sobre os países escolhidos como estudos de caso. As principais pessoas e entidades envolvidas estão indicadas no livro que resultou desta pesquisa (Peixoto *et al.*, 2016).

Metodologia

Dada a ambição dos seus objetivos, o projeto assentou numa metodologia mista de investigação, baseada em várias etapas. Estas são indicadas nas subsecções seguintes.

Revisão bibliográfica e análise documental

Foi elaborado um estado da arte exaustivo sobre a emigração portuguesa recente, com base na bibliografia disponível, tanto em Portugal como no estrangeiro. Foram coletadas e tratadas 890 referências bibliográficas. Essas referências foram inseridas num *software* de gestão bibliográfica (EndNote) e publicadas em formato de documento de trabalho (Candeias, Góis, Marques, & Peixoto, 2014). Uma análise extensiva desta bibliografia foi posteriormente publicada numa revista científica (Candeias, Ferreira, & Peixoto, 2014).

Outro resultado importante, embora menos sistemático, foi uma revisão da imprensa, com base em alguns jornais selecionados (Candeias, Azevedo, Ferreira, & Madeira, 2014).

Análise de dados estatísticos em Portugal

Na fase inicial do projeto, a recolha de dados sobre saídas recentes foi baseada em estatísticas oficiais em Portugal e nos países de destino. Esta etapa teve como objetivo proporcionar um panorama completo da emigração recente. Em Portugal, a atenção foi focada nas estatísticas anuais de emigração, bem como numa análise detalhada do censo de 2011, o que permitiu uma boa visão geral dos impactos da emigração e do retorno durante a última década.

O primeiro conjunto de resultados consistiu numa visão geral das saídas, dada pelas estatísticas anuais de emigração do INE, Instituto Nacional de Estatística. Dadas as limitações desta fonte, estes dados foram sempre acompanhados de estatísticas sobre imigração nos países de destino.

O segundo conjunto reuniu dados sobre o retorno. Neste aspeto, o recenseamento de 2011 foi observado com particular cuidado, levando em consideração a informação disponível sobre o retorno durante várias décadas, mas focando em especial os regressos verificados entre 2001 e 2011. Este material deu origem a um artigo publicado numa revista científica (Oliveira, Candeias *et al.*, 2016).

Um terceiro conjunto de resultados referiu-se a projeções demográficas para a população residente, levando em consideração vários cenários de saldo migratório, que foram apresentados no V Congresso Português de Demografia (Oliveira, Peixoto *et al.*, 2016).

Análise de dados estatísticos nos países de destino

Nos países de destino selecionados como estudo de caso, as estatísticas disponibilizadas pelas fontes oficiais destes países, bem como por agências internacionais como a OCDE e o Eurostat, constituíram a principal fonte de informação. Neste caso, foram recolhidos dados sobre os indivíduos nascidos em Portugal ou com cidadania portuguesa. Dependendo da informação disponível, estes dados apresentam o volume e as características sociodemográficas mais relevantes.

Trabalho de campo e pesquisa online

As etapas seguintes do projeto foram dedicadas a um estudo aprofundado da emigração recente nos seis países escolhidos como estudos de caso — Reino Unido, França, Luxemburgo, Angola, Moçambique e Brasil. Para além dos dados estatísticos acima enunciados, a informação sobre estes emigrantes foi recolhida com o recurso a diferentes técnicas de pesquisa.

Um primeiro conjunto de resultados decorreu de um questionário *online*, aberto a respostas de todos os emigrantes portugueses do mundo, mas

particularmente divulgado nos seis países estudos de caso (maio de 2014 a maio de 2015). Um segundo conjunto de resultados advém da pesquisa local efetuada nos seis países referidos (meados de 2014 a finais de 2015). Esta incluiu um questionário em papel, com as mesmas perguntas do questionário *online*, visando cerca de 400 emigrantes em cada país. Além dos questionários, realizaram-se também entrevistas em profundidade com especialistas locais e atores institucionais.³

O questionário de pesquisa foi assim aplicado, em linhas semelhantes, por duas vias: os formatos *online* e em papel. A recolha *online* atingiu as 4.428 respostas, enquanto a recolha em papel recebeu 1.658 respostas. O modo *online* registou respostas de cerca de 100 países, mas com maior incidência nos seis países planeados como estudos de caso: Reino Unido, França, Luxemburgo, Angola, Moçambique e Brasil. O formato em papel foi apenas aplicado nestes últimos. Além disso, em cada um dos seis países foram realizadas entre 5 a 10 entrevistas exploratórias e aprofundadas com vários tipos de atores sócio-institucionais.

Em todos os estudos de caso, o trabalho de campo foi realizado em estreita colaboração com parceiros locais, incluindo académicos locais que trabalham nesta área ou investigadores individuais que já colaboravam com a equipa de pesquisa.

Deve referir-se que não existiam informações para preparar uma amostra representativa dos emigrantes nos países considerados como estudos de caso. No entanto, a informação estatística recolhida a nível nacional permitiu a definição de alguns agregados relevantes (por sexo, idade, educação e profissão), que foram utilizados para a análise dos questionários obtidos em cada país. Dada a impossibilidade de se obter uma amostra representativa, o trabalho de campo não foi realizado em todas as regiões dos seis países em questão, mas apenas em algumas cidades e locais específicos.

Um dos principais motivos para complementar a pesquisa *online* com a local foi, precisamente, o fato de a pesquisa *online* enviesar fortemente os resultados no sentido dos emigrantes altamente qualificados. Apenas uma observação direta a nível local poderia recuperar os emigrantes com menor qualificação, necessários para equilibrar a amostra — uma vez que a análise estatística global confirmou que a maior parte da emigração portuguesa ainda é composta por emigrantes menos qualificados (Lemaître, 2015; Observatório da Emigração, 2014; Pires *et al.*, 2016 p.29).

Durante a fase inicial do projeto foi ainda criada uma página da internet — www.remigr.pt. Esta página teve diversos objetivos: (a) apresentar o projeto e a equipa de pesquisa; (b) divulgar os resultados de pesquisa mais relevantes; e (c) alojar o questionário *online* que foi usado na pesquisa.

3 Dada a ambição geográfica do projeto e as exigências do trabalho de campo, não foi possível realizar entrevistas em profundidade com diversos tipos de emigrantes, ao contrário da intenção inicial.

Análise dos dados recolhidos

Um primeiro passo para realizar a análise dos questionários aos emigrantes foi a construção da base de dados, condensando as respostas dos questionários *online* e em papel.⁴ Esta base de dados é comum para ambos os formatos, mas tem uma variável específica que permitiu a sua distinção e tratamento diferenciado dos questionários *online* e em papel, quando isso é desejado.

Conferência final

Foi organizada uma conferência final do projeto, que teve lugar em 23 de outubro de 2015 na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Participaram os membros da equipa e os consultores internacionais, bem como outros académicos e especialistas na área de migração internacional. Para além da apresentação dos principais resultados alcançados, o objetivo foi reunir informação que permitisse melhorar o livro então em preparação. Este último (Peixoto *et al.*, 2016) condensou os principais resultados ao nível geral e para cada um dos seis estudos de caso nacionais. Com base nos dados do inquérito por questionário também foram produzidos uma série de trabalhos de menor dimensão, como uma análise comparativa dos respondentes emigrados em países europeus e fora da Europa (Candeias & Peixoto, 2017) e uma comparação entre os emigrantes mais e menos qualificados (Peixoto *et al.*, 2015).

Quem são, o que fazem e o que pensam os emigrantes

Esta secção tem como objetivo analisar os principais resultados do inquérito realizado no âmbito do projeto, apresentando os valores agregados segundo o país de destino.⁵ A análise será comparativa, indicando os seis países que constituíram estudos de caso, tomando como referência o total das respostas obtidas. A interpretação é complementada pelas entrevistas aprofundadas realizadas naqueles países. O texto apresenta-se dividido em quatro subsecções: inicia-se com uma breve caracterização sociodemográfica da amostra; descreve depois alguns indicadores referentes à trajetória migratória; segue-se a análise comparativa de alguns indicadores de integração; e observam-se as relações que os portugueses estabelecem com o país de origem.

4 A base de dados encontra-se disponível *online*, no site do Observatório da Emigração. Pode ser consultada, como base para novas pesquisas, em <http://observatorioemigracao.pt/np4/5916.html>

5 Esta secção reproduz um excerto de um dos capítulos do livro *Regresso Ao Futuro: A Nova Emigração e a Sociedade Portuguesa* (Peixoto *et al.*, 2016).

Caracterização sociodemográfica

As respostas ao inquérito estão concentradas nos países que foram definidos como estudos de caso (Reino Unido, França, Luxemburgo, Brasil, Angola e Moçambique) (quadro 2.1 e figura 2.1). Nestes países, para além do inquérito *online*, foi efetuado também trabalho de terreno, com recolha de inquéritos em papel. Destaca-se muito claramente o grande peso do Reino Unido (que está associado a um elevadíssimo número de respostas *online*) e, mais surpreendentemente, o caso dos emigrantes na Alemanha (que não fazia parte dos estudos de caso, mas que deu origem a muitas respostas *online*).

A caracterização sociodemográfica que se segue é baseada em três indicadores: sexo, idade e nível de escolaridade.

Em primeiro lugar, no que respeita à distribuição por sexo (quadro 2.2 figura 2.2), os três países europeus apresentam-se como mais equilibrados, com uma proporção ligeiramente superior de mulheres (percentagem de mulheres entre os 51% e os 56%). Já nos países localizados fora da Europa, a tendência é inversa, com percentagens de homens a rondar os 63% e os 65%.

Alguns fatores podem explicar esta clivagem entre as duas realidades. Por um lado, os destinos europeus possuem um historial de emigração mais longo — no que respeita aos fluxos ocorridos nas últimas décadas do século XX —, o que faz com que o número de reagrupamentos familiares seja mais elevado. Deverá existir nestes países também um maior número de migrações apenas de mulheres ou em família, uma vez que se trata de destinos consolidados, em que as redes de suporte permitem mais frequentemente uma migração deste tipo. Por outro lado, nos países fora da Europa, a inserção profissional em setores de atividade tendencialmente mais masculinizados, como é o caso da construção civil e obras públicas, a precariedade de infraestruturas e de serviços públicos e o clima de insegurança podem ser menos favoráveis às migrações no feminino.

Quando é comparado o perfil etário dos respondentes (quadro 2.3 e figura 2.3) observa-se um perfil mais jovem nos países europeus, com médias de idades entre os 33 e os 35 anos. Nos países fora da Europa, o perfil é um pouco mais envelhecido, com valores médios entre os 36 e os 42 anos. É nos dois países africanos que os valores são mais elevados. Já no Brasil o perfil parece ser mais heterogéneo, conjugando tanto profissionais mais adultos como jovens em início de carreira.

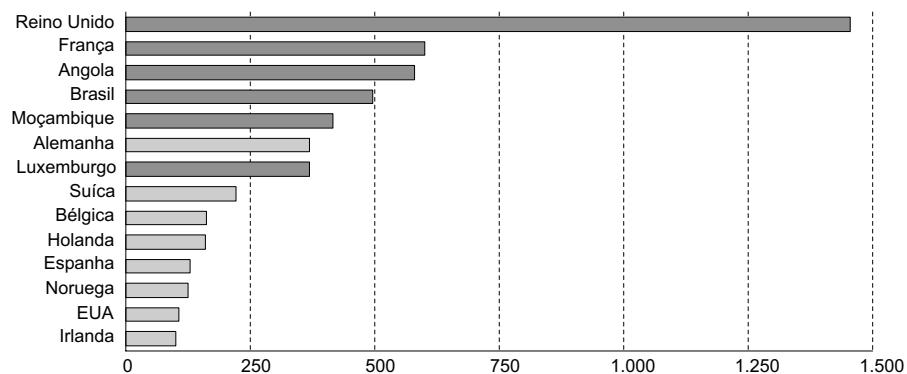
Nos países europeus, o perfil encontra-se em parte associado a uma migração de jovens recém-formados (no ensino superior ou secundário), bem como de estudantes, especialmente no caso do Reino Unido.⁶ A emigração para fora da

6 Sobre a emigração portuguesa altamente qualificada recente, ver Lopes (2014), Gomes, Lopes, Vaz, Cerdeira, Peixoto *et al.* (2015) e Gomes, Lopes, Vaz, Cerdeira, Cabrito *et al.* (2015).

Quadro 2.1 Número de inquiridos nos países com mais de 100 respostas

País	Respostas
Reino Unido	1454
França	600
Angola	579
Brasil	496
Moçambique	415
Alemanha	369
Luxemburgo	368
Suíça	222
Bélgica	161
Holanda	159
Espanha	129
Noruega	126
EUA	107
Irlanda	100
Outros países	801
Total países	6086

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.1** Número de inquiridos nos países com mais de 100 respostas

Nota: os países com colunas mais escuras são os estudos de caso deste projeto.

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

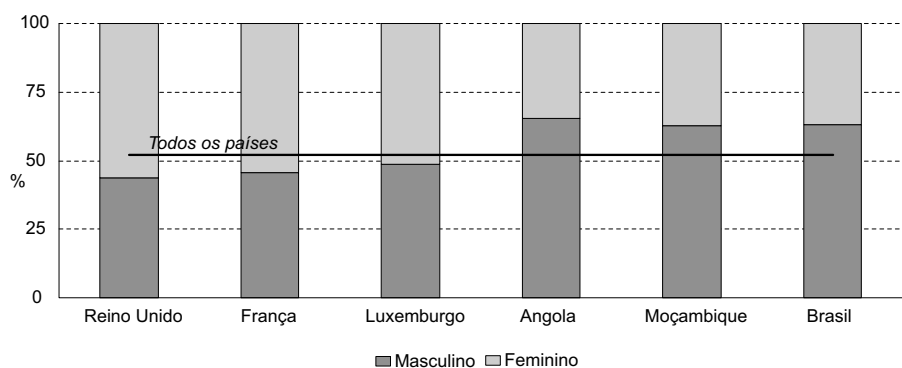
Europa, particularmente para os países africanos, remete muitas vezes para situações de destacamento por parte de empresas portuguesas,⁷ envolvendo, portanto, pessoas mais velhas e já inseridas no mercado de trabalho.

A análise à escolaridade dos inquiridos (quadro 2.4 e figura 2.4) revela um dos principais enviesamentos da amostra: o elevado peso dos inquiridos

Quadro 2.2 Distribuição dos inquiridos segundo o sexo

País	(em percentagem)	
	Masculino	Feminino
Reino Unido	43,9	56,1
França	45,5	54,5
Luxemburgo	48,5	51,5
Angola	65,2	34,8
Moçambique	62,7	37,3
Brasil	63,3	36,7
Total países	52,1	47,9

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.2** Distribuição dos inquiridos segundo o sexo

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

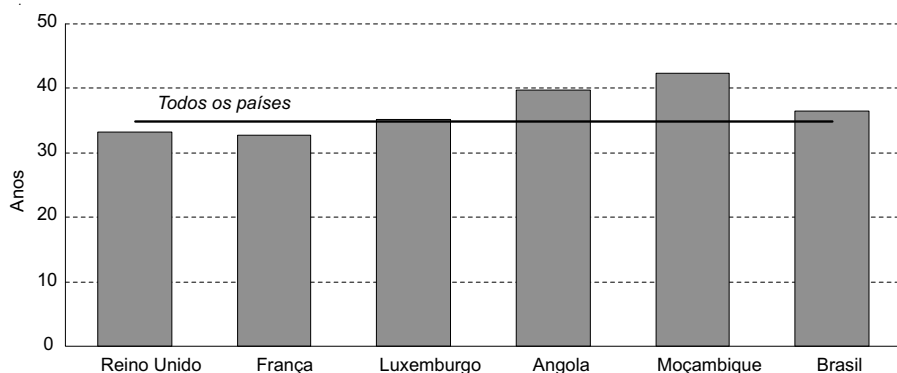
com habilitações superiores — realidade que se sabe não corresponder à maioria da nova emigração portuguesa (Lemaître, 2015; Observatório da Emigração, 2014; Pires *et al.*, 2016). Apesar desse problema, os dados permitem distinguir realidades diversas. Eles agregam, antes de mais, países onde predominam os graus académicos mais baixos, sendo os diplomas de ensino superior uma minoria — como sucede em França e no Luxemburgo. Estes são também os países que, nas últimas décadas, parecem ter uma emigração de perfil mais “clássico”. Provavelmente, nestes países, a manutenção de ofertas

7 Tanto em Angola como em Moçambique pouco mais de 1/5 dos respondentes obtiveram o emprego atual via destacamento de empresa portuguesa; nos países europeus este valor não chega a 5%.

Quadro 2.3 Média da idade dos inquiridos

País	Idade média
Reino Unido	33,3
França	32,7
Luxemburgo	35,2
Angola	39,7
Moçambique	42,3
Brasil	36,4
Total países	34,9

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.3** Média da idade dos inquiridos

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

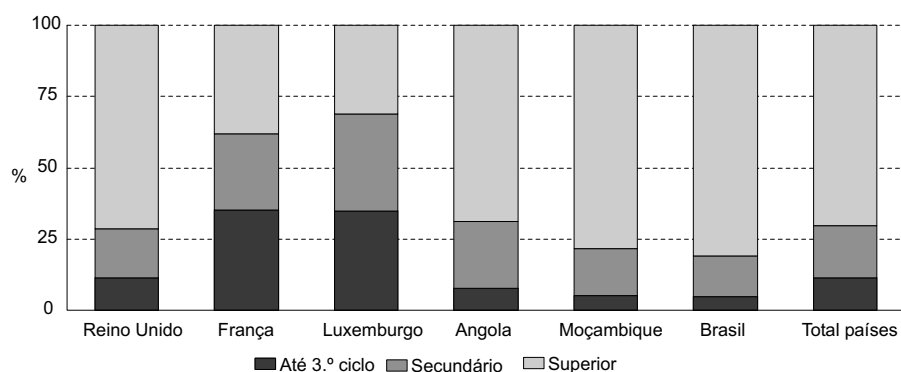
de trabalho do mesmo tipo contribui para que continuem a acolher a emigração portuguesa menos qualificada. A existência de alguns estereótipos positivos associados à imagem do migrante português pode ainda contribuir para que estes ocupem parte substancial de alguns nichos no mercado de trabalho. O mais claro exemplo será França (p.e.: Cordeiro, 1999). Embora se comece a observar uma nova tendência para a dualidade associada a uma maior escolarização nestes países, predomina ainda uma emigração tradicional.

Em outros países europeus, como no Reino Unido, a emigração é mais qualificada, sendo mais comuns os graus académicos superiores. Esta tendência associa-se ao facto de o fluxo para estes países se ter iniciado mais tarde, não apresentando globalmente níveis de escolaridade tão baixos como no passado histórico da emigração, e pela oferta de trabalho ser mais variada. Ainda assim, a realidade britânica revela uma emigração menos qualificada

Quadro 2.4 Níveis de escolaridade

País	(em percentagem)		
	Até 3.º ciclo	Secundário	Superior
Reino Unido	11,2	17,3	71,5
França	35,2	26,8	38,0
Luxemburgo	34,7	34,2	31,1
Angola	7,6	23,6	68,8
Moçambique	5,1	16,7	78,3
Brasil	4,6	14,3	81,0
Total países	11,3	18,5	70,2

Nota: o 3.º ciclo inclui o ensino básico até ao 9.º ano.

**Figura 2.4** Níveis de escolaridade

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

do que os dados do atual inquérito sugerem: assim, por exemplo, nos censos de 2011 a importância relativa das escolaridades baixas entre os portugueses não era despreciada⁸ (cf. Peixoto *et al.*, 2016).

A emigração para Angola, Moçambique e Brasil é também, em geral, qualificada. As oportunidades para os trabalhadores menos qualificados são limitadas. Por um lado, a elevada quantidade de mão-de-obra menos qualificada disponível entre a população autóctone nestes países contribui para a pouca importância relativa dos emigrantes portugueses pouco qualificados.

8 Segundo o Censo de 2011, 48% dos residentes neste país com nacionalidade portuguesa, com mais de 16 anos, tinham escolaridade até nível 3; se forem tidos em conta os nascidos em Portugal, os valores são de 49%.

Por outro lado, a atribuição de vistos obriga à justificação da relevância do trabalhador que requer o visto para o desenvolvimento do país, exigência que se torna mais difícil para os menos qualificados.

Trajatória migratória

Os indicadores sobre a trajetória migratória que serão analisados nesta secção são o ano de chegada, os principais motivos atribuídos para a saída de Portugal e a situação perante o trabalho dos emigrantes quando ainda se encontravam em Portugal.

No que diz respeito ao ano de chegada ao país de destino, os países fora da Europa apresentam-se como os de chegada mais tardia. Nos países europeus, a hierarquia parece seguir a das vagas históricas da emigração portuguesa: primeiro a França, depois o Luxemburgo e mais recentemente o Reino Unido. Se a análise for efetuada a partir de medidas como os quartis (figura 2.5), destacam-se França e Luxemburgo pela maior dispersão dos anos de chegada (que é ligeiramente menor no caso do Reino Unido). No polo oposto, Moçambique é o país com os anos de chegada mais concentrados no período recente. Este parece integrar, juntamente com o Brasil e Angola, uma segunda vaga de migrações com destino aos países do Sul, designadamente lusófonos, que num passado mais longínquo (caso do Brasil) ou mais recente foram colónias portuguesas. Este fenómeno foi inicialmente protagonizado pelas migrações para Angola (que é o que apresenta uma maior dispersão nas datas de saída), mas posteriormente estendeu-se a outros países.

Os três principais motivos apontados para a saída de Portugal foram: a falta de perspectiva de carreira, a procura de novas experiências e a falta de futuro em Portugal (quadro 2.5 e figura 2.6).⁹ Estes motivos apresentam uma importância relativa diferente de acordo com os países de destino. A procura por “novas experiências” é predominante em Angola, no Brasil e também em Moçambique. Já nos países europeus a ideia mais referida é “não ver futuro no país”. É ainda de referir que o Reino Unido é o destino onde o argumento da falta de “oportunidades de carreira” em Portugal foi mais relevante. Aqui, como se verá adiante, existe uma elevada proporção de jovens desempregados ou recém-formados, que viram neste país uma possível solução para a sua situação profissional.

No que respeita às condições perante o trabalho e tipos de contrato dos empregados por conta de outrem mais frequentes no momento prévio à emigração (quadro 2.6 e figura 2.7), pode observar-se que a situação mais

9 A lista de possibilidades de resposta contemplava nove itens e uma resposta aberta (“outro, qual?”).

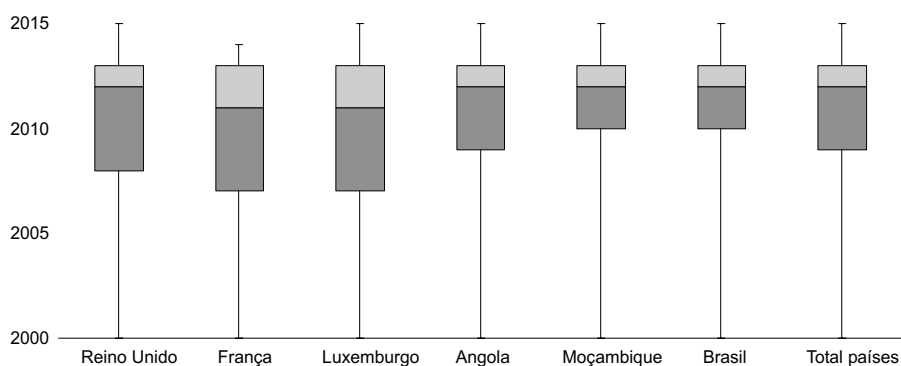


Figura 2.5 Anos de chegada (mínimo, quartis e máximos observados)

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

Quadro 2.5 Principais motivos para a saída de Portugal

País	(em percentagem)		
	Não tinha oportunidade de carreira	Não via futuro no país	Realizar novas experiências
Reino Unido	37,8	41,5	32,3
França	24,8	37,2	25,3
Luxemburgo	19,8	45,7	24,2
Angola	24,4	25,9	40,6
Moçambique	21,9	27,0	35,4
Brasil	24,8	26,8	40,3
Total países	30,7	38,0	35,2

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

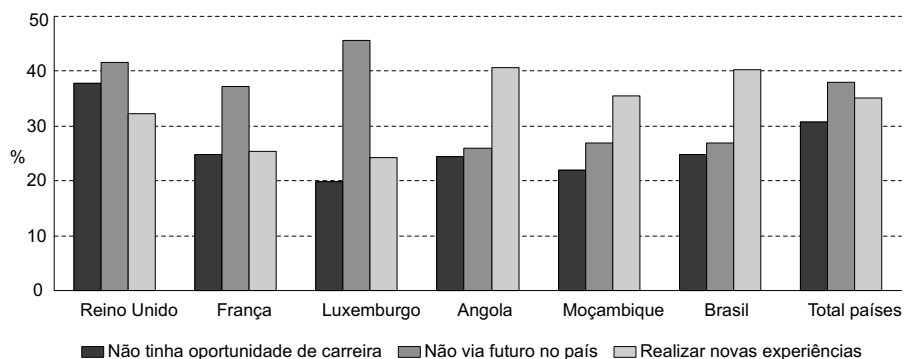


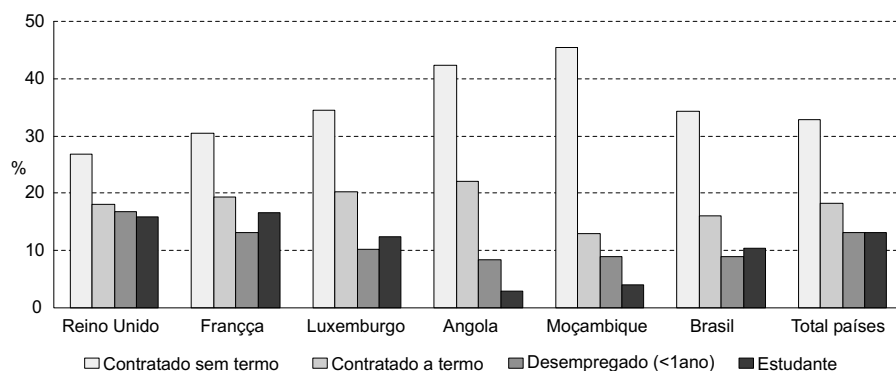
Figura 2.6 Principais motivos para a saída de Portugal

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

Quadro 2.6 Principais condições perante o trabalho em Portugal, antes de emigrar

País	(em percentagem)			
	Contratado sem termo	Contratado a termo	Desempregado (<1ano)	Estudante
Reino Unido	26,8	18,1	16,7	16,0
França	30,4	19,4	13,1	16,5
Luxemburgo	34,5	20,3	10,1	12,5
Angola	42,4	22,2	8,3	2,8
Moçambique	45,5	13,0	9,0	4,0
Brasil	34,2	16,0	8,9	10,4
Total países	32,9	18,3	13,2	13,1

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.7** Principais condições perante o trabalho, antes de emigrar

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

comum era a dos empregados por conta de outrem com um contrato sem termo. Não se trata, portanto, de uma população maioritariamente com vínculo de trabalho precário, embora possam existir nesta categoria situações de tipo híbrido, como a de contratos a termo incerto. Reforça-se assim a ideia de que, existindo sempre custos na migração, são os que estão em melhor posição para mobilizar os recursos necessários que saem.

Os empregados com contrato sem termo destacam-se na emigração com destino às ex-colónias africanas. No polo oposto, a proporção de sujeitos que se encontravam desempregados antes de emigrar é mais elevada nos emigrantes que foram para o Reino Unido, França e Luxemburgo — nestes últimos casos, países com elevada proporção de inquiridos com menores qualificações escolares. É relevante também o peso elevado de deslocações que ocorreram após o término dos estudos, especialmente no Reino Unido e na França.

Integração

Nos próximos parágrafos são analisados, como indicadores da integração no país de destino, a situação na profissão e tipo de contrato, a categoria socio-profissional em comparação com a de Portugal, a comparação salarial, a satisfação profissional e as dificuldades de integração experienciadas.

A proporção de contratados sem termo aumenta, no global, em comparação com a situação vivida em Portugal (figura 2.8). Esta melhoria verifica-se na maioria dos países em estudo, indicando que o vínculo laboral se tornou mais estável. Mas existem duas exceções: Angola e Moçambique. Nestes países observa-se um decréscimo dos contratados sem termo e um incremento dos contratos a termo. Tal pode estar associado a projetos muito específicos de curta duração.

Igualmente de realçar é o facto de, na maioria dos países, a proporção de trabalhadores por conta própria ser reduzida (5% do total da amostra). Porém, em países como Moçambique ou Brasil, assume proporções mais elevadas (na ordem dos 11% e 12%, respetivamente). No primeiro caso, Moçambique, são conhecidos nichos como o da restauração em que parte dos portugueses se encontra inserido. No segundo país, o Brasil, o empreendedorismo e o investimento estão associados a algumas regiões do país. Mas é necessário aprofundar estes resultados e perceber se estes trabalhadores por conta própria são pequenos empresários ou trabalhadores técnicos em regime de *freelance*.

De modo a analisar os processos de mobilidade socioprofissional dos inquiridos, foi criado um indicador que compara a categoria profissional em que os sujeitos se encontravam inseridos em Portugal com aquela onde se encontram na atualidade.¹⁰ Assim, é classificada de *estacionária* a trajetória daqueles sujeitos que se mantêm no mesmo grupo profissional (exemplo: Arquiteto em Portugal — Especialista das Profissões Intelectuais e Científicas; atualmente é Designer de Interiores — profissão classificada no mesmo grupo). Classificam-se como *descendentes* as situações em que, no destino, o sujeito desempenha profissões classificadas em escalões inferiores (exemplo: Arquiteto em Portugal que passa a Caixeiro de supermercado — Pessoal dos serviços e vendedores). Como *ascendentes* são classificadas as situações inversas.

Observando os resultados deste indicador comparativo, conclui-se que há uma forte tendência para os inquiridos se manterem no mesmo grupo profissional (quadro 2.7 e figura 2.9). Esta situação é ainda mais comum nos três países não europeus. Os inquiridos nestes países desempenham muitas vezes profissões com algum estatuto socioeconómico, que mantêm com a

10 São considerados, para este efeito, os nove grandes grupos da Classificação Nacional de Profissões (CNP).

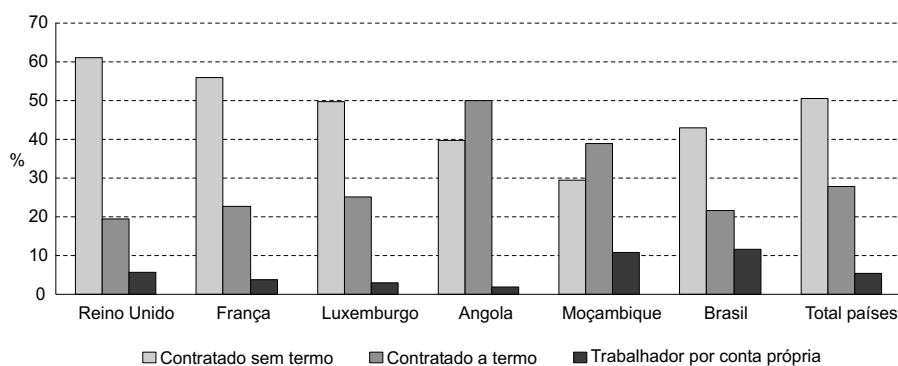


Figura 2.8 Principais situações na profissão e tipos de contrato dos empregados por conta de outrem, atualmente no destino

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

migração. É também em Angola e Moçambique que os processos ascendentes são mais frequentes. O único país em que predominam os processos descendentes é o Luxemburgo. Este fenómeno poderá estar associado às especificidades do mercado de trabalho deste país, ao constrangimento da língua e aos baixos níveis de escolaridade dos inquiridos. Mas os percursos descendentes também são importantes no Reino Unido e em França, embora nestes casos não sejam maioritários.

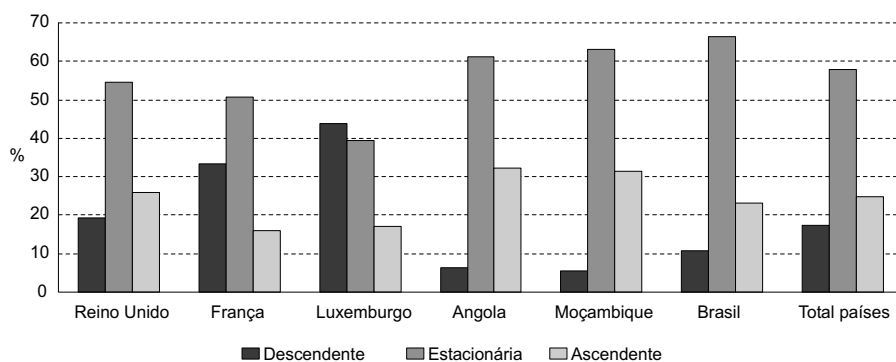
Em termos financeiros a emigração parece ser compensatória, quando são comparadas as médias dos rendimentos mensais brutos auferidos entre os dois momentos no tempo (quadro 2.8 e figura 2.10). Em qualquer dos casos, a emigração implica um incremento de mais de 1.000 euros no rendimento. A diferença é mais acentuada em Angola, cujo aumento médio é de 2.259 euros. De salientar que Angola, Moçambique e Brasil são os países para onde os inquiridos já partiam com a fasquia mais elevada, com salários mensais médios entre os 1.497 euros e 1.837 euros. Já a população que reside atualmente em França auferia, quando em Portugal, salários médios na ordem dos 661 euros. Não obstante os valores apresentados, é necessário interpretar estes dados quantitativos com as devidas precauções, tendo em conta fatores como os custos associados à migração, o custo de vida no país de destino, ou ainda o número de salários anuais (12 em alguns países, 14 em outros).

A satisfação com a profissão foi medida numa escala de 1 a 5 (em que 1 representa o menor nível de satisfação e 5 o maior). Quando analisada a satisfação profissional em termos longitudinais (quadro 2.9 e figura 2.11), a emigração parece ser acompanhada por aumento da satisfação. Tanto no global como nos

Quadro 2.7 Mobilidade socioprofissional

País	(em percentagem)		
	Descendente	Estacionária	Ascendente
Reino Unido	19,3	54,7	26,0
França	33,2	50,8	16,0
Luxemburgo	43,8	39,3	17,0
Angola	6,3	61,3	32,3
Moçambique	5,4	63,1	31,5
Brasil	10,7	66,3	23,0
Total países	17,3	58,0	24,7

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.9** Mobilidade socioprofissional

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

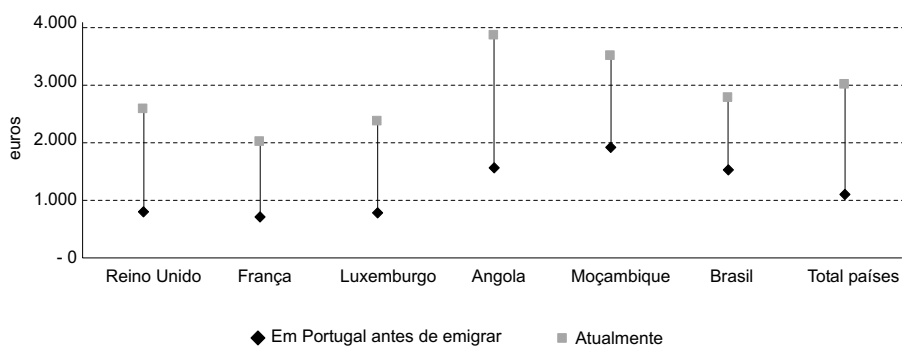
estudos de caso, os valores médios de satisfação profissional são superiores após a emigração. Na maioria dos países analisados, os valores médios da satisfação em Portugal estão posicionados abaixo do ponto médio de referência (3), indicando que os inquiridos tendencialmente não consideravam satisfatória a situação em Portugal. Em Angola e Moçambique os valores eram os mais elevados. Em termos comparativos, as diferenças mais relevantes são observadas no Reino Unido e em França. Parece ser nestes países que a melhoria é mais expressiva.

Por fim, analisa-se um indicador composto das dificuldades de integração experienciadas pelos inquiridos (quadro 2.10 e figura 2.12).¹¹ Se for tomada como referência a média do total dos países (que é afetada pelo enorme peso das respostas oriundas do Reino Unido), observam-se valores mais elevados do índice de dificuldades de integração nos países fora da Europa (Angola, Moçambique e Brasil). Os valores para o Luxemburgo situam-se um

Quadro 2.8 Rendimentos médios brutos antes e depois da emigração

(Euros)		
País	Em Portugal antes de emigrar	Atualmente
Reino Unido	742,4	2.509,2
França	661,2	1.946,7
Luxemburgo	721,8	2.290,5
Angola	1.497,6	3.756,4
Moçambique	1.837,1	3.416,9
Brasil	1.456,9	2.696,0
Total países	1.039,8	2.921,2

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.10** Rendimentos médios brutos antes e depois da emigração

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

pouco acima do ponto médio, sendo no Reino Unido que as dificuldades parecem ser menos sentidas.

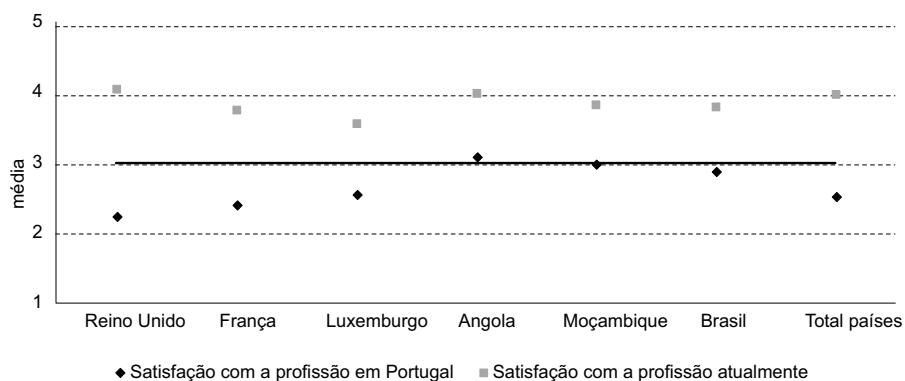
- 11 Este indicador foi criado a partir de um conjunto de 11 itens em escala de tipo *Likert* (1= nada difícil, 5= muito difícil). Os itens eram: 1. clima, 2. língua/ problemas com o idioma, 3. discriminação/racismo, 4. dificuldades em encontrar emprego, 5. obtenção de apoios sociais (subsídio de desemprego, outro), 6. poucos amigos ou solidão, 7. dificuldade de acesso aos cuidados de saúde, 8. burocracias (regularização/legalização, reconhecimento de diplomas), 9. integração dos filhos na escola, 10. dificuldade para alugar uma casa/apartamento, 11. custo de vida. Foi efetuada uma Análise de Componentes Principais exploratória (ACP) que agregou, numa primeira componente, os itens 3 a 11, e, numa segunda componente, os itens 1 e 2. Os nove itens agregados na primeira componente apresentam boas medidas de consistência interna (Alfa de Cronbach de 0,816; se analisados por países, os valores da consistência variam entre 0,780 e 0,914, o que legitima a agregação destes itens).

Quadro 2.9 Satisfação com a profissão

País	(média)	
	Satisfação com a profissão em Portugal	Satisfação com a profissão atualmente
Reino Unido	2,2	4,0
França	2,4	3,7
Luxemburgo	2,5	3,5
Angola	3,0	4,0
Moçambique	3,0	3,8
Brasil	2,8	3,8
Total países	2,5	3,9

(1 = menor nível, 5 = maior nível).

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.11** Satisfação com a profissão

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

Nos países fora da Europa, as diferenças culturais, as dificuldades quotidianas, a escassez de serviços públicos de saúde, bem como as questões referentes aos vistos podem ser fatores que influenciam os valores mais elevados do índice. Nos países europeus analisados, a hierarquia Reino Unido / França / Luxemburgo pode ser, em parte, resultado dos níveis de escolaridade dos indivíduos que aí residem.¹²

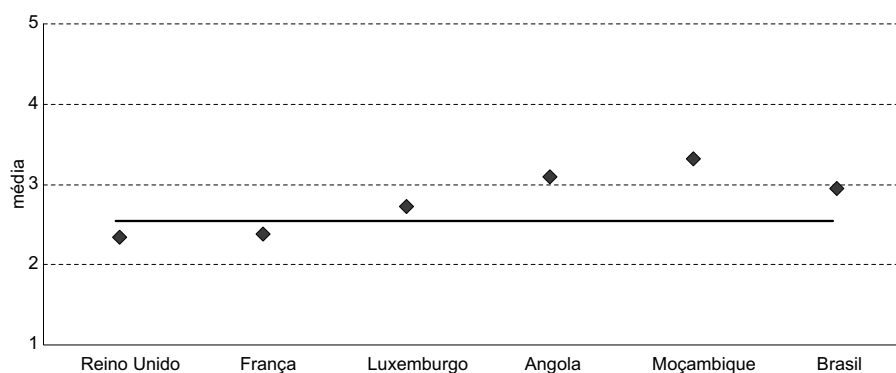
12 Um outro fator que poderia ser relevante seria a duração da estadia no país de destino. Porém, como foi visto, são os sujeitos em França e Luxemburgo que apresentam um ano médio de chegada menos recente, o que refuta a hipótese.

Quadro 2.10 Indicador de dificuldades de integração

País	Média
Reino Unido	2,3
França	2,3
Luxemburgo	2,7
Angola	3,1
Moçambique	3,3
Brasil	2,9
Total países	2,6

(1= nada difícil, 5= muito difícil).

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.12** Indicador de dificuldades de integração

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

Relações com Portugal

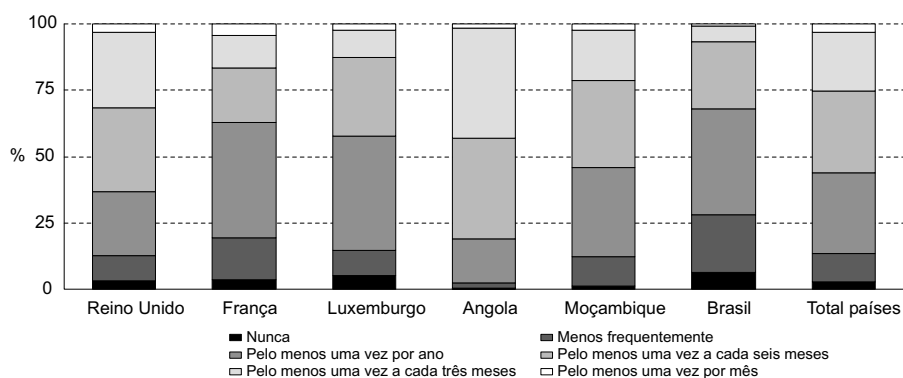
Nesta secção, referente às relações com Portugal — o que também podemos designar como transnacionalismo migrante —, analisam-se indicadores referentes às visitas a casa, ao envio de remessas e aos planos para o futuro.

O primeiro indicador de práticas transnacionais a ser analisado diz respeito às visitas a Portugal (quadro 2.11 e figura 2.13). Ao contrário de grande parte dos indicadores previamente apresentados, os países em estudo parecem não se agrupar nas categorias Europa/fora da Europa, nem tampouco a proximidade geográfica parece ser o critério dominante. Angola, um país mais distante do que os destinos europeus, é aquele de onde as visitas são

Quadro 2.11 Frequência das visitas a casa

País	(em percentagem)					
	Nunca	Menos frequentemente	Pelo menos uma vez por ano	Pelo menos uma vez a cada 6 meses	Pelo menos uma vez a cada 3 meses	Pelo menos uma vez por mês
Reino Unido	3,0	9,5	24,4	31,6	28,2	3,3
França	3,7	15,8	43,2	20,6	12,5	4,2
Luxemburgo	5,1	9,6	43,1	29,6	10,2	2,4
Angola	0,6	1,7	16,9	37,8	41,6	1,5
Moçambique	1,1	11,1	33,9	32,8	18,8	2,4
Brasil	6,3	21,8	40,0	25,4	5,7	0,8
Total países	2,8	10,4	30,8	30,6	22,1	3,3

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.13** Frequência das visitas a casa

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

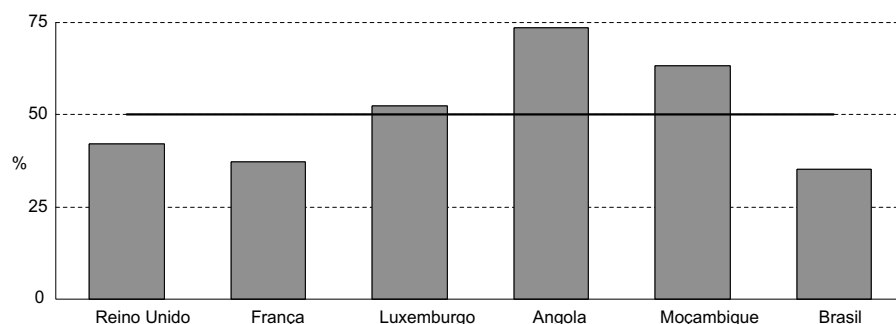
mais frequentes. Em segundo lugar posiciona-se o Reino Unido. Podem estar em jogo diversos fatores. Em primeiro lugar, Angola pode tratar-se de um caso isolado, em que importa a existência de acordos de trabalho que contemplam visitas a casa suportadas pela entidade empregadora. No caso europeu, os valores mais elevados no Reino Unido podem ser explicados por se tratar de uma emigração mais qualificada, e menos orientada para a poupança, ao contrário da França e do Luxemburgo.

Um segundo indicador de práticas transnacionais que interessa explorar é o envio de remessas. A proporção de inquiridos que envia regularmente remessas é de cerca de metade na amostra total (quadro 2.12 e figura 2.14). Entre os países estudados de caso, os que mais se destacam pelos seus valores elevados

Quadro 2.12 Proporção de inquiridos que envia remessas

(em percentagem)	
País	Envio de remessas
Reino Unido	42,1
França	37,3
Luxemburgo	52,3
Angola	73,7
Moçambique	63,2
Brasil	35,3
Total países	50,2

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.14** Proporção de inquiridos que envia remessas

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

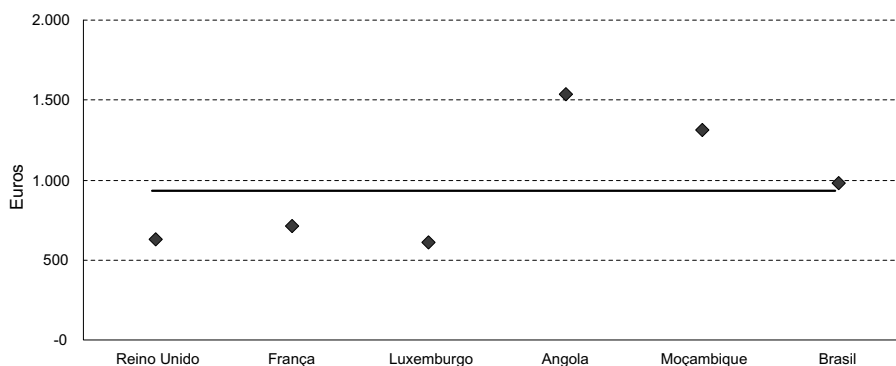
são Angola, Moçambique e Luxemburgo, o que pode significar uma maior frequência de projetos temporários (caso dos países africanos) ou uma maior dependência das famílias que ficaram na origem (caso do Luxemburgo) — uma emigração mais próxima do tradicional.

No que diz respeito ao montante mensal médio das remessas enviadas (quadro 2.13 e figura 2.15), os países de destino podem ser de novo agrupados num perfil europeu, associado a valores reduzidos de remessas, provavelmente resultado de uma migração mais jovem, por vezes sem familiares dependentes no país de origem, mais orientada para o consumo no destino ou com rendimentos do trabalho mais baixos. No grupo dos países não europeus, Angola é o destino de onde provêm os volumes superiores de remessas, seguido de Moçambique. No primeiro caso, o facto de algumas empresas remunerarem os seus trabalhadores em contas portuguesas pode ajudar a

Quadro 2.13 Montante mensal médio das remessas enviadas

País	Euros
Reino Unido	609,5
França	692,3
Luxemburgo	586,0
Angola	1.516,9
Moçambique	1.288,2
Brasil	960,7
Total países	930,9

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.15** Montante mensal médio das remessas enviadas

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

alcançar estes valores. O peso mais baixo das remessas enviadas do Brasil pode ser justificado pelo elevado custo de vida em determinadas cidades (Rosales & Machado, 2015).

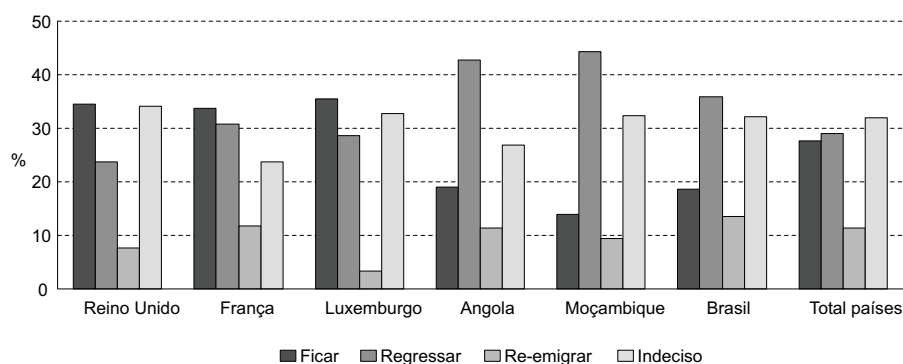
Segundo dados de 2013 (Vidigal & Pires, 2014), os principais países de origem das remessas de emigrantes para Portugal eram, por esta ordem, França, Suíça e Angola, sendo os valores de França perto do triplo dos enviados de Angola.¹³ Contudo, é necessário ter em conta que, na contabilidade das remessas nas contas oficiais, se considera o volume enviado por toda a comunidade, não se isolando os emigrantes chegados após 2000, naturalmente

13 Segundo os censos de 2010/11, foi para França e Suíça que mais portugueses foram durante a última década. É natural que o volume global de remessas seja afetado pelo número de emigrantes, incluindo os mais recentes.

Quadro 2.14 Planos para o futuro

(em percentagem)				
País	Ficar	Regressar	Reemigrar	Indeciso
Reino Unido	34,6	23,8	7,6	34,1
França	33,8	30,8	11,7	23,7
Luxemburgo	35,4	28,6	3,3	32,7
Angola	19,0	42,7	11,5	26,8
Moçambique	13,9	44,2	9,4	32,4
Brasil	18,6	35,8	13,4	32,2
Total países	27,7	29,1	11,3	31,9

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

**Figura 2.16** Planos para o futuro

Fonte: Inquérito aos Portugueses no Estrangeiro. Projeto REMIGR.

menos numerosos e, em muitos casos, com uma situação económica menos consolidada, o que tenderá a reduzir o seu contributo para as remessas totais.

Por fim, são analisados os planos que os inquiridos esperam cumprir no seu processo migratório (quadro 2.14 e figura 2.16). A primeira hipótese analisada, a migração definitiva, é a resposta mais frequente nos três países europeus. Pode pesar neste item a proximidade geográfica com Portugal, que permite viagens relativamente regulares, a proximidade cultural, com baixos contrastes relativos com a cultura portuguesa (o que também se pode invocar para os países lusófonos), e a estabilidade económica e social nesses países. Ainda assim, esta opção não chega a reunir metade dos inquiridos nos países europeus, sendo suplantada pelo conjunto dos que pretendem regressar e dos que estão indecisos.

A segunda opção, a intenção de retorno, é a opção mais selecionada nos países não europeus, especialmente Angola e Moçambique, onde as

respostas são superiores a 40%. Talvez aqui sejam relevantes as motivações que levaram os sujeitos a emigrar para estes países (figura 2.16), uma vez que as motivações justificadas por uma “nova experiência” foram especialmente relevantes, bem como os contextos de instabilidade nesses países.

Os planos de reemigração — ou *onward migration* — são, em qualquer dos grupos estudados, uma minoria na base total, recolhendo pouco mais de um décimo das respostas. O país onde foi detetada a proporção mais elevada foi o Brasil. Este talvez seja o país onde pode existir uma proporção mais elevada de novos emigrantes que podem ser classificados como cosmopolitas, com uma lógica de cidadãos globais, com múltiplas afiliações que muitas vezes vão para além das fronteiras dos estados nação (Vertovec & Cohen, 2002). É também aí que talvez predominem as migrações baseadas no estilo de vida (Rosales & Machado, 2015).

Muito importantes, agrupando quase 1/3 da amostra total, são as indecisões. Embora elas não sejam o item predominante em nenhum dos países, no Reino Unido têm praticamente o mesmo peso que a opção de fixação. Este número revela a grande fragilidade dos percursos migratórios recentes, ainda muito dependentes dos fatores de integração inicial e da evolução dos contextos, tanto no país de origem como no de destino.

Conclusão

Os dados apresentados neste capítulo confirmam o grande volume da emigração portuguesa recente, mas também a sua variedade e complexidade. Na verdade, a alusão ao grande aumento das saídas nos últimos anos pouco nos diz, se não for acompanhada pelo exame das suas características, muito variáveis de país para país, e pela consideração da multiplicidade dos movimentos, revelando temporalidades diversas, trajetórias incertas e regressos frequentes.

A grande variedade da nova emigração é bem ilustrada pelos dados captados no inquérito que esteve na base deste projeto. Um primeiro eixo de diferenciação separa os destinos europeus dos que se situam fora da Europa. Os primeiros distinguem-se, antes de mais, pela possibilidade de livre circulação. Tudo leva a supor que os percursos são mais flexíveis quando existe liberdade de procura de novas oportunidades (de trabalho e outras) no contexto da UE. Os emigrantes para países da Europa são, em geral, mais feminizados, mais jovens e menos escolarizados do que os que se dirigem para fora da Europa. O motivo da saída de Portugal é com maior frequência a descrença e a falta de oportunidades de carreira no país. A sua inserção profissional nos países de destino é boa, as dificuldades de integração são reduzidas e os planos para fixação mais frequentes. Ainda assim, existe uma grande heterogeneidade entre os destinos europeus. Países de emigração mais recente, como o Reino Unido,

revelam padrões de mobilidade diferentes dos de emigração tradicional, como a França e o Luxemburgo, onde a continuidade com o passado é mais clara.

Os destinos não europeus são dominados pelos percursos pós-coloniais ou, noutra perspetiva, pela inserção de Portugal no sistema migratório lusófono (Marques & Góis, 2011). Angola, Moçambique e Brasil estão entre os principais destinos. Nestes casos, a emigração recente é mais masculinizada, menos jovem e mais qualificada. As razões de saída de Portugal ligam-se mais frequentemente à procura de novas experiências ou a deslocações no âmbito de empresas. A inserção profissional no destino é boa, mas os indicadores de integração revelam dificuldades e os planos para fixação são escassos. Também neste caso, as heterogeneidades são claras, separando agora sobretudo os destinos africanos do brasileiro.

A nova emigração portuguesa é abundante, variada e com percursos incertos. Não é possível generalizar as suas características, pois quase tudo separa os trajetos e os motivos que levam a saídas muito diversas. Pouco se pode dizer com segurança sobre o futuro destes movimentos. Quase 1/3 dos inquiridos afirmaram estar indecisos sobre os planos futuros. A volatilidade do mundo contemporâneo, bem exemplificada pelos ciclos económicos de curta duração que afetaram vários países durante a realização deste estudo, garante a renovada incerteza dos percursos.¹⁴ Mas quase todos os inquiridos revelaram forte ligação com Portugal — que os levou mesmo a responder voluntariamente a este inquérito. As únicas certezas que se recolhem são a abundância prolongada de razões para sair do país, que mantêm incertas as suas perspetivas de sustentabilidade futura, e o contínuo vínculo dos emigrantes à origem, que pode continuar a traduzir-se em regressos e novos percursos de vida em Portugal.

Referências bibliográficas

- Baganha, Maria I. (2009), “The lusophone migratory system: patterns and trends”, *International Migration*, 47 (3), pp. 5-20.
- Candeias, Pedro, J. Azevedo, B. Ferreira, e P. M. Madeira (2014), *A Participação Política da Emigração Portuguesa na Perspetiva de Cientistas e Jornalistas*, comunicação apresentada no VII Congresso da APC, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (14/04/2014-16/04/2014).
- Candeias, Pedro, B. Ferreira, e Peixoto, J. (2014), “Emigração portuguesa: o que temos vindo a estudar e o que nos falta saber. Uma análise bibliométrica entre 1980 e 2013”, *Porto, População e Sociedade*, (22), pp. 11-32.

14 Quando este estudo se iniciou, Portugal vivia uma crise económica grave, da qual está lentamente a recuperar. Nessa altura, Angola e Brasil viviam uma época de grande otimismo e expansão, que entretanto esmoreceu.

- Candeias, Pedro, P. Góis, J.C. Marques, e J. Peixoto (2014), "Emigração portuguesa: bibliografia comentada (1980-2013)", *SOCIUS Working Papers N.º1/2014*.
- Candeias, Pedro, e J. Peixoto (2017), "Europe at their feet? Free circulation, economic crisis and exit strategies of recent Portuguese emigrants to the European Union", Lisboa, *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia, Sociologia Online* (10), pp.11-31.
- Cordeiro, Albano (1999), "Dans quinze ans, qu'advientra-t-il de l'identité des Portugais de France?", *Latitudes* (5), pp. 3-6.
- Gomes, Rui M., J.T. Lopes, H.Vaz, L. Cerdeira, B. Cabrito, M.L. Machado, e P. Peixoto (2015), *Fuga de Cérebros. Retratos da Emigração Portuguesa Qualificada*, Lisboa, Bertrand.
- Gomes, Rui M., J.T. Lopes, H.Vaz, L. Cerdeira, P. Peixoto, R. Ganga, e B. Cabrito (2015), *Entre a Periferia e o Centro*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lemaître, Georges (2015), *Current Portuguese Emigration Trends in the European Context*, comunicação apresentada na Conferência Internacional "Retorno ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa", Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, João T. (2014), *Geração Europa? Um Estudo Sobre a Jovem Emigração Qualificada para França*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Malheiros, Jorge, I.T. Oliveira, e R. Albrecht (2015), "Portugal: did the crisis aggravate brain drain?", in A. Schellinger (ed.), *Brain Gain. European Labour Markets in Times of Crisis*, Friedrich-Ebert-Stiftung, pp. 72-85.
- Marques, José C., e P. Góis (2011), "A evolução do sistema migratório lusófono: uma análise a partir da imigração e emigração portuguesa", Lisboa, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, (24), pp. 213-231.
- Marques, José C., e P. Góis (2013), "Dinâmicas do sistema migratório lusófono: um olhar a partir das migrações portuguesas", in M. L. Fonseca, P. Góis, J. C. Marques, e J. Peixoto (eds.), *Migrações na Europa e em Portugal. Ensaios de homenagem a Maria Ioannis Baganha*, Coimbra, Almedina, pp. 185-203.
- OCDE-DIOC (2010/11), <http://www.oecd.org/els/mig/dioc.htm>
- Observatório da Emigração (2014), *Portuguese Emigration Factbook 2014*, Lisboa, Observatório da Emigração, CIES-Iscte, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, <http://observatorioemigracao.pt/np4/4093.html>
- Oliveira, Isabel T., P. Candeias, J. Peixoto, J. Azevedo, e J.M. Malheiros (2016), "Retorno e circulação de emigrantes portugueses no início do século XXI", Lisboa, *Sociologia, Problemas e Práticas* (81), pp. 11-35, <https://journals.openedition.org/spp/2287>.
- Oliveira, Isabel T., J. Peixoto, J.C. Marques, P. Góis, J. Malheiros, P.M. Madeira, e E. Santana (2016), *O Impacto da Emigração e da Imigração na População. Projeções até 2050*, comunicação apresentada no V Congresso Português de Demografia, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Peixoto, João, P. Candeias, I.T.Oliveira, J. Azevedo, A. Ferro, J.C. Marques, e E. Santana (2015), *A Nova Emigração e a Relação Com a Sociedade Portuguesa*.

- Perfis e Estratégias dos Emigrantes Mais e Menos Qualificados*, comunicação apresentada na Conferência Internacional Fuga de Cérebros: A mobilidade académica e a emigração portuguesa qualificada, Universidade do Porto.
- Peixoto, João, I.T. Oliveira, J. Azevedo, J.C. Marques, P. Góis, J. Malheiros, e P.M. Madeira (orgs.) (2016), *Regresso ao Futuro. A Nova Emigração e a Sociedade Portuguesa*, Lisboa, Gradiva.
- Pires, Rui P., C. Pereira, J. Azevedo, I.E. Santo, e I. Vidigal (2016), *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2016*, Lisboa, Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-Iscte, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, <http://observatorioemigracao.pt/np4/5751.html>
- Rosales, Marta V., e V.P. Machado (2015), *Travessias do Atlântico. Aspirações, Projetos e Avaliações de Portugueses no Brasil*, comunicação apresentada no Seminário Aberto: a Emigração Portuguesa no Século XXI, Lisboa, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa.
- Vertovec, Steve, e R. Cohen (2002), "Introduction: conceiving cosmopolitanism", in S. Vertovec, e R. Cohen (eds.), *Conceiving Cosmopolitanism. Theory, Context and Practice*, Oxford, Oxford University Press, pp. 1-22.
- Vidigal, Inês, e R.P. Pires (2014), "Remessas 2013", *OEm Fact Sheets*, 2, DOI: 10.15847/CIESOEMFS022014, <http://observatorioemigracao.pt/np4/4006.html>.

